

TARJA BRANCA

Por Sofia Teixeira

1975

Zona da Mata, Pernambuco.

Um casebre, uma estrada que já não se sabe muito bem o seu início tampouco para onde se destina; A imagem é como o carro em movimento, que atravessa ligeiro levantando poeira pela estrada: dançam as folhas da fauna com o vento, se revira de um lado a outro na cama o menino. No quadro que corre, misturam-se poste, terra, mato, gente, formas que se dissolvem numa matéria única. Dá passagem à lua, o sol, todos os dias; canta galo de madrugada, acabando com a poesia.

Mãe - Acorda, menino.

Joaquim -

Mãe – Acorda, fi, levanta. Tua mãe tá chamando. Levanta. Tonho. Toinho. Antônio! Senta! Levanta!

Antônio – Ainda tá escuro, mãe.

Mãe – Mas já é hora.

Pausa.

Mãe – Levanta tu também, menino, já falei! Ajuda teu irmão a se vestir e vai preparar a boia.

Joaquim - Hoje é a vez do Antônio.

Antônio - Não é nada.

Joaquim – É sim.

Antônio – Não é nada.

Mãe – Acorda, João.

João – Vocês vão pra lá de novo, mãe?

Mãe – De novo.

João – Hoje não é domingo?

Mãe – Ainda não.

João – Quando é?

Mãe - Falta.

Joaquim – João, tem que dar comida pras galinhas.

Mãe – ANTÔNIO!

Antônio – Já tô levantando!

Mãe – Todo dia isso, menino. Até parece que não acostuma.

Antônio – Não acostumo. Ainda mais que o Joaquim fica gritando no meio da noite.

Joaquim – Grito nada

Antônio – Grita sim

Joaquim – É o sonho.

Mãe – De novo isso?

Joaquim – É o susto.

Antônio – Sonhos não dão susto.

Joaquim – Às vezes dão.

João – O que é sonho, mãe?

Joaquim – É isso que acontece quando a gente fecha o olho.

Antônio – Não é nada.

Joaquim – É sim.

João – O que é sonho, mãe?

João permanece sentado, é sempre o último a levantar da cama - não porque é mais novo, não porque é mais preguiçoso, não porque é o mais devagar. Simplesmente espera sentado, toda manhã, flutuando sob seus dedinhos inquietos balançantes, pequenos demais para alcançar o chão, por um afago, um carinho – às vezes chega como beijo, às vezes como grito – antes de começar o dia.

Mãe – Não tenho tempo pra conversa. Levanta!

2018

Sala de aula. Escola privada, Pinheiros, São Paulo.

Professora – Gente, eu vou precisar passar na diretoria pra resolver um probleminha, mas enquanto isso, por favor, continuem a leitura no capítulo 4, na página 46.

Sai. Silêncio dura o tempo que os seus pés atravessam o corredor.

Heitor – Me dá um.

Bernardo – Tá, mas não deixa ninguém ver.

Carol – Eu quero um!

Bernardo - Sabia.

Camila – Vocês tão entendendo alguma coisa?

Bernardo – Nem tentei.

Heitor – Só queria lanchar.

Mário – E eu queria descer logo. Os meninos do quinto ano toda vez chegam cinco minutos antes na quadra e não deixam a gente jogar.

Carol – Não é por que vocês são piores?!

Bernardo – E por isso é justo que a gente fique de fora?!

Mário – A gente não é pior, a gente só não tem as mesmas oportunidades. Eles têm a vantagem de conseguir chegar antes.

Bernardo – Estão sempre na nossa frente.

Carol – Tive uma ideia!

Bernardo – Ideia?

Carol – Genial.

Heitor, Bernardo e Mário riem.

Camila – O que é? Uma menina não pode ter uma ideia genial?!

Carol – Genial não, melhor.

Bernardo – Melhor? Não força.

Carol – Revolucionária!

Mário – Fala logo!

Carol – E se, pelo menos por hoje, eu conseguir fazer vocês chegarem primeiro na quadra?!

Bernardo – Isso acabaria com a vantagem deles.

Carol – Mais do que isso!

Camila – Daria a vocês a mesma oportunidade de jogar.

Heitor – Agora até eu fiquei curioso, Carol! Que ideia é essa?

1994

Luísa - Eu passo a maior parte das minhas tardes assim: colorindo. Eu gosto de falar colorindo porque quando eu digo pintando as pessoas acham que eu tô falando só de pintar no papel. Aí já começam a falar umas coisas tipo “mas o que você gosta de estudar na escola?”, “o que você quer ser quando crescer?”, “sabe que isso não dá dinheiro, né?”. Pra evitar essas chateações, eu já digo logo “a coisa que eu mais gosto de fazer na vida é co-lo-rir” – confesso que também me agrada o sorriso de canto de olho das pessoas depois de me ouvir falar essa palavra com tanta alegria. Talvez o riso esteja na palavra. Ou na alegria?

Outro dia estava vasculhando as gavetas do meu pai. É que tinha uma unha mal roída me incomodando – se fosse na mão, eu acho até que dava conta, mas já prometi a papai

que não roeria mais as do pé. Abri a porta com muita calma – essas portas daqui de casa fazem um grunhido de filme de terror -, a janela do quarto estava aberta e na mesma hora fui invadida pelo vento de fim de tarde do quarto dos meus pais. A porta fica sempre fechada, a janela também – foi uma surpresa pra mim que ela estivesse aberta esse dia. Olhei praquela quarto vazio, não pude resistir àquela cama com molas. Dessa vez eu acho que se pular mais alto eu consigo tocar o teto.

Cansei.

A unha volta a me incomodar e me lembro do motivo de estar ali. Tantas vezes eu me esqueço. Quantas vezes você já se pegou escovando os dentes pensando no banho, tomando banho e pensando na aula, na aula pensando em dormir?! Meus diálogos mais sinceros são sempre com a porta da minha geladeira. Ela sempre tem paciência comigo. Ela sabe que eu tenho o meu tempo. Ela não se importa que eu faça tudo meio como um robô. Ela não me exige presença.

Alicate. Lembrei. Fui procurar uma solução pra minha unha, mas em vez disso, na gaveta do meu pai, só tinha remédio. Remédio pra pressão alta, remédio pra dor de cabeça, remédio pra gripe, remédio pra coluna, pra alergia, pra reumatismo – eu não sei nem o que é isso -, eu fui descobrindo doença que eu nunca tinha ouvido falar. Eu não sabia que o mundo era tão doente. Fiquei assustada com um bem grandão que parecia o símbolo da morte. Eu sei lá. TARJA PRETA. Até arrepiei. Do lado desse, tinha um bem coloridinho, amarelo. Fiquei curiosa. Cores mexem comigo. Adivinha o que era?! SOL! Tá, tudo bem, não era Sol, Sol, era “vitamina D em cápsula”, mas fala sério, eu já tinha estudado na escola e eu sabia muito bem que aquilo queria dizer S-O-L.

Ah! Eu sou fascinada pelo Sol. Até falo assim, grande, com letra maiúscula: Sol!

Primeiro eu achei incrível, eu não podia acreditar que o mundo era tão inteligente a ponto de conseguir colocar a energia daquela bola de fogo numa caixinha de plástico daquele tamaninho. Genial. Se eu pudesse escolher, o mundo nunca teria o escuro. O escuro está proibido na minha terra!

Depois eu achei um pouco estranho que meu pai quisesse tomar Sol em cápsula porque, afinal, o Sol está sempre aí. É até um pouco difícil evitar ou ignorar sua existência. A professora de geografia falou de regiões do país de muita seca, onde o Sol pode ser tão quente, tão quente que às vezes tem gente que até morre de sede. Difícil de imaginar. Por que ninguém ofereceu um copo de água pra essa pessoa? Maldade. Aqui às vezes é quente, às vezes faz um pouco de frio, mas sempre tem Sol. Papai é engraçado. Ele sempre gostou das coisas em excesso, tudo é sempre muito. Vai ver ele quer ficar mais

bronzado que o normal. É isso.

Tinha muito do meu pai ali. Fiquei curiosa e arrumei alguma desculpa pra mim mesma pra mexer na da minha mãe agora. Logo eu, que odiava quando ela espionava minhas conversas com minhas amigas ou lia meu diário escondido. Mas eu queria saber um pouco mais dela também. Mas pra minha surpresa, na gaveta da minha mãe não tinha nada além do que eu já sabia: papéis, números, nomes difíceis, de gente e de empresas, nada legal. Muitos números de telefone, mamãe conhece muitas pessoas, toda vez que a gente tá andando na rua, ela é parada por alguém, sério, sempre, tipo TODA VEZ, ela podia ser presidente. Eu já não faço ideia de quem sejam todas essas pessoas, mas todas falam sorrindo apesar de eu não entender muito bem a língua que elas falam. Minha mãe domina muitas línguas diferentes, às vezes ela começa a falar uns idiomas aí que eu nunca nem vi. Eu acho que é sem querer, ela nem percebe. E é justamente quando eu aviso “Mãe, a gente tá falando línguas diferentes”, aí ela me entende.

Teve um dia que ela ficou triste comigo porque eu colori o meu quarto de Azul. Esse dia foi tipo o mais divertido da minha vida! Tinha uma lata de tinta sobrando aqui em casa, nem sei de quando. Como não tinha pincel, eu achei que seria mais divertido usar minhas mãos! Mergulhei no Azul e a tinta que escorria por entre os meus dedos me fez lembrar todas as vezes que eu tentei segurar o mar e ele me escapou. Com as mãos molhadas de mar, pintei Azul cada canto do meu quarto: as paredes, a cama, as janelas, os armários, o móvel e o tapete. Ela só chega do trabalho quando já está escuro, quando eu geralmente já dormi sem a minha história de boa noite e com meu quarto já fechado. Acho que ela fica cansada, vai logo pro quarto e assiste tv. Eu sei porque às vezes eu ainda tô acordada e escuto, do silêncio do meu travesseiro. Acho que ela tá cansada. Quando é de manhã e eu acordo pra escola, ela já levantou também – agora que eu percebi. Mamãe quase não dorme. Quando ela chega, eu já tô dormindo. Quando eu levanto, ela já tá de pé. Como ela aguenta? Assim que ela chegar do trabalho hoje, eu vou perguntar. Quer dizer. Se eu aguentar acordada.

No dia seguinte, de manhã, eu acordei assustada achando que alguém tinha se machucado, que tinha acontecido alguma coisa, porque ela ficou tipo assim MUITO BOLADA com o que eu fiz. Ela me acordou gritando em uma língua mais difícil de entender que chinês. Quando ela fica chateada assim, eu geralmente me concentro, falo com meu anjo da guarda – em silêncio, porque se ela me vê falando enquanto ela fala, já sabe “Não quero ouvir um piu” – e ele faz tudo ficar em silêncio. Nessas horas parece uma tela grande de cinema: mamãe, na minha frente, gritando comigo, fazendo todas

aquelas caras feias de gente que briga, mas sem sair voz, no mudo. Eu queria que ela visse o que eu vejo. Quando ela fica assim, ao redor dela fica tudo Vermelho, que nem as bochechas dela. Mas geralmente mamãe é Verde. Verde feito o Grinch. E era por isso que eu achava que ela tinha ficado chateada quando eu colori o quarto - porque eu não tinha escolhido Verde, que é a cor preferida dela. Mas a verdade é que ela tinha ficado brava porque, olha, não sei dizer com minhas palavras, ela falou assim porque eu nunca vou esquecer “Você tem ideia do trabalho que eu vou ter pra pintar tudo isso aqui?! Vai ser uma fortuna!”. Depois eu entendi que a gente não tava se entendendo por essa mania que ela tem, mas não é por mal, é natural – é até um dom, sabia, falar muitas línguas assim. Ela é muito inteligente. Já eu... Eu não sei muito do funcionamento do mundo. Tem tantas perguntas não respondidas. São tantas nomenclaturas, tantas burocracias. Tem umas palavras também que eu nunca entendi direito. Parece que a cada 365 dias, fecha um ciclo de um ano e daí, um novo ciclo recomeça. Morte, renascimento. 365 vezes que o Planeta Terra deu a volta ao Sol. E aí tem o ano bissexto que eu não sei mesmo como funciona. Mas não tô nem aí, nem quero saber tudo, quero saber só o que não é importante. Peguei o dicionário da minha mãe e me danei a entender tudo que eu desconhecia. Descobri que odeio algumas palavras. Agora me irrita palavra injustiça. Polícia, milícia, mercado, tráfico, sistema, corrupção, remédio, dinheiro, máquina, ganância, competição. T R A B A L H O. Diz aqui que vem da origem latina tripalium – o que quer dizer três paus. O tripalium era o instrumento utilizado para torturar animais e escravos. É o que diz aqui no dicionário dela. Mas como assim? Isso não pode ser verdade! Não faz sentido! Mamãe e papai não são torturados, eles são felizes! Não são?

2070

O futuro não foi exatamente como esperamos do passado. O mundo talvez seja como uma máquina cíclica, enguiçada - mas que funciona.

Funciona?

A - Quando ficar pronto vai ser uma coisa linda!

B - Só falam disso lá no bairro. O filho da vizinha me disse que ele e os amigos da escola tão me chamando de heroi. Há! Imagina só! Eu, heroi nacional!

FOCO NO TRABALHO. – *grita um megafone falante cada vez que os trabalhadores param de produzir – até hoje não se sabe se quem fala é bicho, é gente, é máquina.*

A – Que horas são?

B – E quem sabe?!

A – Se pelo menos tivesse uma janela aqui.

B – Estou exausto.

A – Não para! Não esquece: você vai ser o herói dessas crianças.

Uma luz incandescente e branca cega o ambiente, como um clarão de Sol na vista quando se abre os olhos pela manhã. Era luz mas não fazia Sol, estava claro mas não era dia.

XP2R FINALIZADO COM SUCESSO. PARABÉNS, VOCÊS ACABARAM DE MUDAR A HISTÓRIA.

Comemoração.

2018

Hora do recreio.

Camila – Como brinca?

Carol – Como assim, não sabe brincar?

Camila – Não, ué. Me ensina.

Carol - A gente começa pisando aqui na terra.

Camila – Tá.

Carol – Vou desenhar pra você entender melhor o caminho.

Camila – Tá.

Carol – É um caminho difícil, tá. As pessoas acham que é fácil, mas tem muitas dificuldades.

Camila – Por quê?

Carol – Porque nem sempre que a gente joga a pedrinha ela cai dentro do jogo.

Camila – Ué.

Carol – Aí você perde a vez.

Camila – Que injusto.

Carol – São as regras do jogo.

Camila – Tá, mas qual o objetivo?

Carol – Ah, não sei se tem.

Camila – Como assim? Tem que ter um objetivo.

Carol – Não, aqui a gente só precisa brincar.

Camila – Pular as casas onde a pedrinha não caiu?

Carol – Isso. E aproveitar o caminho até o céu.

Camila – Tá vendo, eu disse que tinha um objetivo! Chegar ao céu!

Carol – Não, porque mesmo quando a gente chega lá, a gente tem que fazer todo o caminho de volta pra terra. Então, de nada adianta chegar ao céu, porque é preciso voltar.

Camila – Engraçado, eu não tinha pensado que a gente podia se divertir no caminho sem se preocupar com o final.

1975

O mesmo casebre, agora cada vez mais distante, até finalmente transformar-se num ponto preto na verde imensidão. Os pés firmes no mato quente desviam da raiz decepada da cana e as cabeças e colunas curvadas por sol e obediência - calor e subserviência – fazem derreter gotas salgadas na Terra estéril – o desejo é o de que ela ainda seja fértil.

Joaquim – Eu.

Antônio – O quê?

Joaquim - Tô cansado, mãe.

Mãe – Aguenta, fi.

Joaquim – Tá pesado.

Mãe – Aguenta, fi.

Joaquim – Tô com sono.

Mãe – Não cochila que o facão eu afiei bem hoje e se não cuidar ele te corta. E corta mesmo, fi, morre. Entendeu. Aguenta, fi. *Pausa.* Deixa que eu seguro pra você. Vai comer, vai.

Antônio – Quanto você cortou hoje?

Joaquim – Até agora 5 toneladas.

Antônio – Só?

Joaquim – Não enche meu saco, Antônio.

Antônio – Eu cortei 6.

Joaquim – E daí?

Antônio – E daí que eu sou melhor que você!

Joaquim – Devolve minha banana!

Antônio – Eu sou o melhor, eu sou o melhor lalalalala.

Joaquim – Volta aqui!

Os pezinhos correm livres por entre os canaviais derrubados por eles mesmos há cinco minutos, quando ainda não eram pés de crianças. O sol ainda é muito forte, mas já não queima sob suas cabeças. Aqui é onde já não tem mais fome, mais sede, mais sono. Aqui é onde os meninos de canavial viram capitães de areia. Canavial vira mar cana vira peixe e menino marinheiro. Menino agora pode ser pirata, cavaleiro, polícia, ladrão, rei, bicho, natureza. Pode ser menino.

1975

Engraçado como a vida acontece. Não há certezas absolutas, tampouco há garantias: contamos com a próxima respiração literalmente com nossas próprias vidas. Confiamos, nesse ato automático e inconsciente que é respirar, que teremos uma próxima vez para acalantar nossos pulmões. Confiamos na existência do depois, do amanhã. Somos o carro na estrada a 100 por hora seguindo em frente. Ou somos a estrada? Essa coisa que se ignora a origem e se desconhece o destino. Esse concreto por onde pisam os anos e por onde passam os carros.

Mãe – A vida é dura, dura como cana. E a gente é o machado que afia pra derrubar cada pé. De golpe em golpe: Nocaute.

Dizem que no instante véspero da morte passa um filme com as recordações mais felizes da nossa vida. Engraçado que a lembrança mais feliz que tenho nunca chegou a me acontecer. Tive de ir sem ela. Havia pressa, muita pressa para a minha chegada: aqui a estrada é diferente, de onde parto agora é chegada de um trilho outro e para onde vou – para onde vou? – é mistério inerente a caminho. Chegar é surpresa. Caminhar é deleite. Parece que eu sou uma convidada esperada há muito tempo – e vocês sabem, há certos convites que não se pode rejeitar. Recebi direito a um último pedido.

Pedi água. Tinha sede.

Depois vim a descobrir que o que me sucedera foi morte por desidratação. Eu morri de sede. Me desculpem por essa morte, eu não pude evitá-la. A gente aguenta tudo porque aprendeu a ser camaleão. É assim que é. Tem outro jeito de ser? A gente se adapta a tudo. É preciso morrer agora. Sim. Às vezes é preciso morrer.

A vida não é brincadeira porque se morre em pleno dia. Pelo menos eu sei que minha morte trabalhada foi digna.

João, meu menino, você queria saber o que era sonho. O meu era poder ver meus filhos brincando como as outras crianças. Sonho é uma coisa perigosa, filho.

O sonho é perigoso.

Eu morri com sede.

2018

Depois do recreio.

Diretora – Carol, eu já sei o que você fez.

Carol –

Diretora – Eu só queria entender o motivo.

Carol –

Diretora – Você sempre foi uma aluna tão dedicada. Uma menina tão justa, tão inteligente. Acha justo o que você fez? Inteligente confesso que foi mesmo. Mas foi justo que você aproveitasse o momento que sua professora saiu de sala para resolver uma situação urgente comigo para armar um plano com seus colegas de sala para alterar o horário do relógio da parede?! Você tem ideia de que fez a todos nós desta Instituição de tolos?! Em troca de quê?

Carol – Eu sei que eu não agi como vocês sempre esperam que a gente aja. Da maneira correta. Dentro de certo ou errado.

Diretora – Não faça uso da sua boa oratória para tentar me convencer, nós duas sabemos muito bem que existe sim o que é certo e o que é errado. E você agiu de forma errada. Mesmo que a sua intenção tenha sido boa e as finalidades, justas. Você fez isso porque queria mais tempo de recreio, não é?

Carol – Sim. Eu e todo mundo, na verdade. Não é justo, 15 minutos pra brincar e 4 horas sentada numa cadeira dura olhando pra um quadro e uma professora falando. Por quê? Eu me pergunto. As pessoas pararam de perguntar. Todos têm a mesma vontade que eu de se divertir, de brincar, de ter mais tempo de recreio. Sabia que só na fila da cantina a gente passa 10 minutos? Não sobra tempo livre. Mas essa escola não é diferente das outras, é tudo farinha do mesmo saco. Vocês não querem que a gente brinque! Vocês só querem que a gente fique sério. Nem pode rir na sala senão a gente é suspenso! E a gente passa metade do dia numa sala de aula! Vocês querem que a gente seja triste. E sério. As crianças não aceitam mais as mentiras dos adultos. Vocês vivem mentira. Mas só eu tive coragem de fazer alguma coisa e agora tenho que ficar aqui ouvindo sobre certo e errado.

Diretora – Tem que ouvir mesmo. Suas atitudes têm consequências.

Carol – Quem me dera. Se tivesse mesmo, todo o sistema educacional – não é assim que vocês falam? - seria diferente. As pessoas, a sociedade, o mundo seria completamente diferente. Em vez de ser punida, eu seria ouvida.

Diretora – Você está me sugerindo que deixe por isso mesmo?! Carol, não adianta, você será suspensa e seus pais serão notificados do acontecido. Eu mesma faço questão de falar pessoalmente com a sua mãe.

Carol – Sabe o que eu vou fazer?

Diretora – Não sei, imagino que repensar suas atitudes.

Carol – O que eu quiser! Brincar, possivelmente. Engraçado que o que você chama de castigo pra mim é liberdade.

Diretora – Eu sou uma autoridade aqui, Carolina, que maneira é essa de falar comigo? Você me deve obediência. Isto aqui não é uma democracia.

Isto aqui não é uma democracia. Isto aqui não é uma democracia. Reverbera até hoje essas palavras de autoridade na minha cabeça.

Reverbera até hoje.

2070

NASA.

A – O que é que você tá fazendo?

C – Perdão, fiz alguma coisa de errado?

A – Me desculpa, é que eu tô sem paciência.

Pausa.

C – Você era amigo dele, né?

A -

C – Ele deve fazer falta.

A – Não me leve a mal. É que ontem mesmo era ele, aí, no seu lugar. E hoje, já nem se lembra mais de sua existência, porque foi substituído por você. Não houve um dia sequer sentindo a sua ausência. O luto é proibido e o choro, engolido, afinal a máquina não pode parar de funcionar. Olha, não é nada pessoal. É só que por mais que tentem nos esfriar, eu penso que pelo seu corpo ainda paira sangue quente; por mais que tentem nos desumanizar, eu ainda lembro de seus sonhos de menino. Por mais que tentem nos padronizar e robotizar, eu ainda sinto falta de suas peculiaridades de pessoa.

ATENÇÃO A TODA EQUIPE DA NASA: O XP2R ESTÁ PRONTO PARA SER ENVIADO AO ESPAÇO. A CONTAGEM REGRESSIVA COMEÇARÁ EM EXATAMENTE 1 HORA E A TRANSMISSÃO SERÁ FEITA AO VIVO POR TODO O GLOBO TERRESTRE.

C – Eu sinto muito.

A – Eu também.

Do lado de fora, repórteres, jornalistas e curiosos de todo o mundo anseiam pelo lançamento do XP2R: um complexo robô repleto de satélites que serão dispostos como espelhos na órbita terrestre para refletir o Sol e produzir um efeito de claridade solar 24h por dia, “aumentando a produtividade de trabalho e reduzindo drasticamente os gastos com energia elétrica em todo o mundo.” O acontecimento é Histórico - assim como todo grande feito do Homem o é.

Acontecimento histórico maior que esse só mesmo a chuva. Como é absurdamente divino e milagroso o choro do céu: acaricia a terra, seca, maltratada, doída, pisada. Acontecimento histórico maior que esse só mesmo o Sol depois da chuva. Enxuga o choro, fertiliza o que antes era morto. Brota semente.

Vai nascer.

SEM TEMPO

Luísa – Eu me lembro até hoje da piada que meu tio contou na varanda aqui de casa.

- Um executivo de uma grande multinacional, depois de longos anos trabalhados, decidiu passar alguns dias numa linda praia. Numa manhã, conheceu um pescador. Descobriu sua rotina diária: saía bem cedo em seu barco e retornava ao final da manhã trazendo para sua esposa alguns peixes, almoçava e, então, passava o resto do dia

descansando na rede. Ao tomar conhecimento de que aquele homem trabalhava apenas pela manhã, o executivo ficou indignado e passou a lhe dar sugestões sobre como aumentar a produtividade do seu trabalho: por que você não aproveita melhor seu tempo e explora as riquezas desse lugar, trabalhando dois períodos, vendendo os peixes para pescar mais?! Com o dinheiro excedente, você pode comprar outros barcos e contratar outros pescadores.

Eu só escutava.

- Depois, você poderia comprar caminhões para transportar os peixes diretamente, sem os intermediários, reduzindo sensivelmente o preço para o usuário final e aumentando também a sua margem de lucro. Além disso, você poderia ir para um grande centro para distribuir melhor o seu produto para os grandes supermercados e peixarias. Você pode lucrar muito!

Mamãe perguntou o que teria dito o pescador.

- Justamente! E aí?! E o executivo completou: dedicando-se desta forma ao trabalho, você irá ganhar muito dinheiro, tanto dinheiro que, no fim da sua vida, poderá comprar uma bela casa numa praia como essa, pescar todas as manhãs e descansar numa rede o restante do dia! Foi quando o pescador retrucou: “mas eu já faço isso agora”.

Todos riram e papai disse algo do tipo:

- “ah, se fosse simples assim.”.

E não é?

É inverno agora. O céu está coberto por uma grande nuvem cinza escura. Os caminhos ainda nebulosos, embaçados. O tempo abafado, não venta, as folhas não mudam de lugar. A terra, seca, onde nada cresce, onde nada nasce, onde nada realmente vive. De toda forma, vou deixar plantada essa semente. *Aterra carinhosamente uma das cápsulas de vitamina D da gaveta do pai.* Espero que chova. Plantar semente, brotar verde, nascer iluminado. Ouvi dizer que há uma luz no fim do túnel. Já enxergo o cheiro do Sol.ⁱ

ⁱ Esta dramaturgia recebe o nome de um documentário e tem como principal influência estrutural o texto MANSA, do dramaturgo André Felipe. Tem também como referências textos de Manoel de Barros e Clarice Lispector – sobretudo A Hora da Estrela.